

## A ACOMODAÇÃO

Leio nos jornais, que as cúpulas dos Três Poderes, após uma onda de rusgas, buscam uma espécie de pacto de não-agressão, uma acomodação entre elas.

Não se trata de um terremoto, mas daquele rangido de móveis antigos que a gente empurra um pouco para lá, um pouco para cá, convencendo-se de que agora a sala “respira melhor”, quando, na verdade, só abrimos espaço para a poeira fazer seu bailado. Acomodar é a arte de mudar para que nada mude; e o país, veterano nesse bailado, aprendeu passos complicados: recua ao ouvir vaias, distribui sorrisos de ocasião, repactua o que ontem jurava irrevogável. O público, que não nasceu ontem, percebe a coreografia: tiram o quadro da parede, reposicionam o sofá, anunciam que a luz mudou — e a conta de luz, essa, continua a mesma.

Na padaria da esquina, Seu Miguel esfarela o pão na xícara de café e solta um “tá osso”, que é a versão coloquial da sociologia do cotidiano. Dona Etelvina diz que “não aguenta mais promessa de asfalto” e, antes que terminem o pão na chapa, já se formou ali uma assembleia de condomínio nacional: inflação de humor, juro no ânimo, investimento em paciência a prazo. Todos sabem, sem precisarem de planilha, que a palavra do momento é o tal reajuste de discurso — o equilíbrio que consiste em tirar a mão do fogo quando a pele começa a doer, não por princípios, mas por bolhas.

Há quem chame isso de prudência. Pode ser. Prudência, no entanto, não costuma visitar o bairro só em véspera de pesquisa. Na política, a prudência vira parente do improvisado: uma tia que chega para “resolver”, mas só rearruma os bibelôs, passa um pano na mesa e recomenda fé. Quando uma taxa cai aqui e um telefonema cordial é ensaiado ali, não estamos diante de visão de futuro; é o passado com uma plataforma de streaming, prometendo catálogo vasto e entregando reprises. Fosse teatro, diríamos: entrou o contrarregra para recolocar o cenário; o enredo, entretanto, permaneceu idêntico.

Machado de Assis já nos advertiu, com seu humor que morde por dentro, que o Brasil é afeito a espertezas de salão. “Ao vencedor, as batatas” — e aos espectadores, a casca. O Humanitismo, com sua filosofia de conveniência, parece reapresentado em cada ciclo, agora com hashtags. O que hoje é convicção de ferro, amanhã se torna latão polido, maleável ao tato da oportunidade. Não há tragédia nisso, há cansaço — e o cansaço, quando se generaliza, adquire o timbre áspero que chamamos de bronca.

Sérgio Buarque de Holanda arriscaria dizer que a casa invade a praça: o homem cordial confunde o que é de todos com o que é de seu círculo. O movimento acomodaticio é o jeitinho elevado a método de governo: mudar o tom de voz, reorganizar a mesa de negociações, acenar com encontros, recuar de bravatas, sem admitir que a bravata foi, desde o início, uma tática para ocupar o palco. “Acalma, Brasil”, sussurram os marqueteiros, e, como num ensaio de coral, cada protagonista abaixa meio tom, para que a desafinação pareça harmonia.

Enquanto isso, a cidade continua: o trocador do ônibus, a professora da escola estadual, o enfermeiro do posto de saúde — esses não recuam nem avançam de microfone na mão; só prosseguem. É neles que a bronca toma corpo, não por maldade, mas porque a rotina cobra em dia útil aquilo que o discurso paga em feriado. No balcão do açougue, a conversa não distingue ideologia de hábito: distingue carne de osso, tempo de espera de senha chamando. A política, quando decide acomodar-se, calcula o pico da irritação para não tomar vaia; o cotidiano, ao contrário, não calcula — cobra.

Michel Foucault, se nos permitirmos a visita, chamaria atenção para os dispositivos do poder: o ajuste fino de retóricas, o gerenciamento de afetos, a governação dos humores. O gesto de “voltar atrás” não é recuo ideológico; é administração do risco reputacional. Só que a administração dos riscos não alcança o preço do gás, a lotação do trem, a fila no especialista. A bronca vira geral quando o alívio anunciado não encontra abrigo na vida mínima. É nesse desencontro que floresce a ironia brasileira: a gente sorri para não chorar, faz meme para não gritar, e, de tanto não gritar, a garganta cria calo.

Acomodar também pode ser virtude — na música, por exemplo, quando a orquestra ajusta o volume para ouvir o oboé solitário. Mas aqui, a sinfonia é outra: maestros alternam batutas sem tocar a partitura; solistas desafiam o tempo, mas não a música; e o público, paciente contribuinte, paga ingresso de temporada e recebe ensaios eternos. Trocam-se as lâmpadas do palco, anuncia-se nova iluminação — e a peça continua a mesma, uma comédia de costumes em que o costume é a falta de enredo.

No meio disso tudo, há sempre alguém que pede “uma chance”. O verbo pedir é o preferido das transições suaves: pedem paciência, compreensão, confiança, tempo. O tempo, porém, está curto desde que inventaram o boleto. A confiança ficou cara como ingresso de final; e a paciência, essa, ficou refém da catraca. O eleitorado, longe de ser um bicho irracional, aprendeu a fazer contas existenciais: “Quantas promessas cabem no meu aluguel? Quantos recuos mudam a aula do meu filho? Quantos acenos diplomáticos prolongam a validade do meu cartaz de ‘procura-se emprego’?” A resposta, quase sempre, é um suspiro — e o suspiro, repetido em coro, vira estatística.

“Bronca geral” não é ódio. É um modo brasileiro de dizer “assim não dá”. Tem menos de vendaval e mais de vento constante que bate na janela e impede o sono. Acomodar, nessas horas, parece travesseiro novo: melhora as primeiras duas noites, depois se amolda às mesmas insônias de sempre. O que seria desacomodar-se? Talvez começar pelo miúdo: admitir o erro sem subterfúgio, explicar o custo sem pirotecnia, cumprir o combinado sem desculpas, abandonar a liturgia do anúncio e aderir ao ritual da entrega. É pouco? É o mínimo. E o mínimo, quando cumprido, já parece revolução.

Enquanto esse dia não chega, a cidade continua. O jornalista (sim, ainda existe), dobrando a manchete; a moça da lotérica, contando moedas; o motoboy, amarrando a caixa com elástico porque a cinta quebrou. Não há neles cinismo — há comparação. E é nessa comparação, tão simples quanto um pingado, que a régua moral do país se estabelece: se eu, sem imprensa, sem marqueteiro, sem gabinete de crise, preciso resolver, por que quem pode tudo resolve só quando a planilha treme?

Ao cair da tarde, cada um volta para seu lugar, e o país, esse velho móvel, range outra vez. Alguém anunciará uma nova acomodação, prometerá uma arrumação definitiva, exhibirá planilhas, lâminas, palavras. Talvez funcione por uma semana, duas. Depois, o ruído retorna — e, com ele, a bronca que não explode, mas persiste. Até o dia em que, cansado do entra e sai de sofás, alguém resolve abrir a janela. E, quem sabe, o vento, enfim, troque o cheiro de café requeentado pelo aroma simples de casa arejada.